

DIA DA MÃE – 2022

O Dia da Mãe é uma data comemorativa que se celebra no primeiro domingo de Maio. Em Portugal, durante muito tempo, a data comemorava-se a 8 de Dezembro, dia da Imaculada Conceição.

Infelizmente, é o comércio e as suas redes de comunicação que mais falam deste dia, oferecendo os mais variados produtos para ofertas às mães. O melhor presente, porém, que elas mais apreciam dos filhos é estar com ela, lembrá-la e amá-la verdadeiramente e sem condições. A Mãe, não pode nunca ser esquecida.

Lembremos, na Eucaristia deste domingo, a nossa querida e saudosa Mãe, esteja ou não entre nós, num gesto de agradecimento e de retribuição pelo imenso amor e ternura que sempre nos dedicou, em todos os momentos bons e amargos da nossa vida.

Eis uma pequena reflexão sobre o respeito, o amor, a dedicação e carinho devidos à nossa Mãe:

- A Mãe é o santuário de amor e de total ternura;
- A Mãe é a nossa luz no caminho da vida;
- A Mãe é o Anjo a guindar-nos para o paraíso;
- A Mãe, por muito amar, revela o rosto materno de Deus.

É certo que algumas Mães têm já uma idade avançada, já não saem de casa, em residências sem elevador, a sua mobilidade é diminuta. De facto, há ainda muitas Mães já cansadas pelo tempo e pelos sacrifícios feitos para o bem-estar dos filhos. Mantêm, porém, uma fé muito viva que dá sentido à sua penosa vida.

Vejamos algumas situações:

- São Mães, algumas com idade avançada que vivem afectadas por atroses, por AVC e Parkinson, problemas cardíacos, perdas de memória por Alzheimer prematuro e tantas outras enfermidades;
- Outras, deficientes profundas, em cadeiras de rodas e a precisar dos mais variados cuidados terapêuticos, a par de todo o carinho que para elas é essencial;

- Muitas são doentes crónicas, com uma regra de vida muito apertada, para poderem sobreviver a patologias muito complicadas que, ao longo da vida, as foram atormentando;
- Algumas até, já doentes terminais, com cuidados paliativos para atenuar a dor e que carecem de inúmeros cuidados no termo difícil da sua vida.

Além destas Mães, já idosas e doentes, a maior parte avós, há ainda aquelas que se isolam, por não aguentarem o luto, pela crise económica que sofrem sobretudo neste tempo de pandemia ainda não terminado, e de guerra que tem provocado injustificado aumento do preço dos bens essenciais para a sobrevivência. São Mães em solidão diferente, mas que não podem ser estranhas à vida da comunidade: umas porque estão sozinhas; outras já viúvas, mas cujos filhos vivem e trabalham noutros países.

As Mães que já são avós, constituíam antigamente, um grupo de pessoas de extraordinária importância. Eram consideradas as matriarcas, a referência para os mais novos, de modo particular para os seus netos, o apoio nas horas mais difíceis. Elas são portadoras de uma preciosa memória, de inúmeras experiências, de muita colaboração a dar, de imensa ternura que podem oferecer e de uma oração indispensável para o equilíbrio da humanidade.

As Mães com mais idade têm necessidade de acolhimento e de compreensão, mas também sentem muito a falta de ternura sobretudo quando essa falta provém dos netos. Por outro lado, têm imenso carinho para dar. É esta a razão pela qual se deliciam quando estão com os seus netos e ao falar deles a toda a gente, mesmo quando eles não merecem elogios.

A ternura das Mães revela-se tanto nas lágrimas de emoção como no sorriso com que manifestam a sua gratidão. Mas a oração é para elas uma especial capacidade que têm de se aproximarem de Deus. De facto, a oração é para elas libertação. O encontro com Deus fá-las sentirem-se felizes.

As Mães, já avós, tanto como os mais novos, têm sempre um lugar fundamental na sociedade para o anúncio dos valores do Evangelho, sobretudo no exercício da caridade.

Neste Dia da Mãe, lembremos todas aquelas que pertencem à nossa família ou já partiram para os braços do Pai. Lembremos ainda as Mães de todas as idades que estão sozinhas e cuja solidão é esquecida pelos próprios filhos. É a solidão das Mães que perderam todos os laços familiares, após anos de sucessivos abandonos. Lembremos as Mães, vítimas de violência doméstica, muitas delas assassinadas, deixando filhos órfãos de mãe. Lembremos também, nesta hora de muita dor e tristeza, as Mães ucranianas que perderam seus maridos e filhos, muitas delas também mortas, numa guerra que desafia a paz que deve existir entre as nações, numa guerra que “é um absurdo no século XXI” como disse em Kiev, no dia 28 último, o Secretário-Geral da ONU, António Guterres.

Para todas as Mães, especialmente para minha irmã, cunhadas, familiares e muitas amigas, vai um beijo de muita veneração e respeito, numa oração fervorosa e muito sentida. Feliz Dia da Mãe!

António Costa Pires

N.B. Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.

É certo que alguns têm já uma idade avançada, já não saem de casa, residências sem elevador, a sua mobilidade é diminuta. De facto são

muitos os idosos já cansados pelo tempo. Mantêm, porém, uma fé viva que dá sentido à sua dor.

2. Há uma enorme variedade de situações:

- São pessoas com mais de 80 anos que estão a viver afectadas por artroses, por AVC e Parkinson, problemas cardíacos, perdas de memória por Alzheimer prematuro e tantas outras enfermidades;**
- São os deficientes profundos, pessoas em cadeiras de rodas e a precisar dos mais variados cuidados terapêuticos, a par de todo o carinho que para eles é essencial;**
- São os doentes crónicos, com uma regra de vida muito apertada, para poderem sobreviver a patologias muito complicadas que, ao longo da vida, os foram atormentando;**
- São, até, os doentes terminais, com cuidados paliativos para atenuar a dor e que carecem de inúmeros cuidados no termo difícil da sua vida.**

Além destas pessoas idosas e doentes, a maior parte avós, há ainda aquelas que se isolam, por não aguentarem o luto, pela crise económica que sofrem sobretudo neste tempo de uma pandemia que teima em permanecer, ou por razões afetivas não superadas. São pessoas em solidão diferente, mas que não podem ser estranhas à vida da comunidade cristã.

3. Os mais velhos, principalmente os avós, constituíam, antigamente, um grupo de pessoas de extraordinária importância. Eram considerados os patriarcas, a referência para os mais novos, de modo particular para seus netos, o apoio nas horas mais difíceis. Não pode aceitar-se que tenham passado a ser pessoas dependentes de todos os outros, assistidas económica e socialmente, pessoas a quem se nega o estatuto a que têm direito e a acção que podem desenvolver com a sua idade. Elas são portadoras de uma memória, de inúmeras experiências, de muita colaboração a dar, de imensa ternura que podem oferecer e de uma oração indispensável para o equilíbrio da humanidade.

*** A memória – Quantas recordações nos são transmitidas pelos mais velhos! As tradições, a família, as grandes marcas de um povo, as**

histórias da velha casa que foi o primeiro berço da família, as pequenas e grandes aventuras...tanta coisa a recordar!

* A experiência – Depois de tantos anos de vida, os mais velhos, os avós, conhecem os riscos, as situações difíceis e as ventagens já conseguidas. Não têm apenas os conhecimentos adquiridos na escola, têm “o saber de experiência feito”.

* A colaboração – Os mais velhos, os avós, com facilidade estão disponíveis. É a vida dos avós, que substituem os pais na ajuda aos netos, quando aqueles estão ocupados numa actividade profissional intensa. Complementam o trabalho dos mais novos com a riqueza do seu saber. Mais do que tempo, dão vida, com amizade, com disponibilidade, com alegria constante.

* A ternura – As pessoas com mais idade e mesmo os Avós têm necessidade de acolhimento e compreensão, mas também sentem muito a falta de ternura sobretudo quando essa falta provém dos netos. Por outro lado, têm imenso carinho para dar. É esta a razão pela qual se deliciam quando estão com os seus netos e ao falar deles a toda a gente, mesmo quando eles não merecem elogios.

A ternura dos avós revela-se tanto nas lágrimas de emoção como no sorriso com que manifestam a sua gratidão.

* A oração – Hoje fala-se muito na especial capacidade que têm as pessoas mais velhas de se aproximarem de Deus. A certa altura, parece que se desinteressam de tudo o mais e passam os dias a falar com o Deus em que acreditam. De facto, a oração é para eles libertação. O encontro com Deus fá-los sentirem-se felizes.

4. A riqueza dos mais velhos é, sem dúvida, uma mais-valia excepcional, na comunidade em que vivem. A simples presença no meio das crianças, dos jovens, dos adultos destaca, por um lado, o valor da sensibilidade que a todos contagia, e por outro a oportunidade de prestar serviços simples que os nossos “Avós” fazem sempre com muita alegria. Com espontânea caridade ou num voluntariado organizado, as pessoas que

estão disponíveis porque já deixaram o trabalho profissional, têm inúmeras oportunidades para colaborar.

De facto, as pessoas mais velhas, os nossos avós não são apenas beneficiárias de uma assistência integral nacional – podem ser também agentes pastorais, apóstolos, utilizando a relação humana para dar testemunho de Cristo e revelá-l’O ressuscitado no meio do mundo.

5. Os mais velhos e também os Avós, tanto como os mais novos, têm sempre um lugar fundamental na sociedade para o anúncio dos valores do Evangelho, no exercício da caridade. Todos contam com todos.

Neste Dia Mundial dos Avós e dos Idosos, lembremos todos aqueles que pertencem à nossa família ou que já partiram para os braços do Pai. Lembremos ainda as pessoas de todas as idades que estão sozinhas e cuja solidão não aparece nos noticiários. É a solidão dos idosos e dos avós que perderam todos os laços familiares, após anos de sucessivos abandonos.

Para todos eles, especialmente para os meus irmãos e irmã que são avós, vai um abraço, um beijo de muita veneração e respeito numa oração fervorosa e muito sentida.

António Costa Pires

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.